

Demografia e ciência: há uma marca latino-americana?*

Ricardo Ojima[€]

Resumo: O objetivo do trabalho é realizar uma discussão epistemológica do campo científico da demografia (e dos estudos populacionais), explicitando e comparando o seu percurso intelectual dentro do contexto latino-americano. A necessidade de um debate circunstanciado sobre o que desde já anuncia-se como a ciência demográfica é prioritária para a definição dos limites e fronteiras do conhecimento específico que esta área enseja. Assim, a identidade científica da demografia esbarra na sua virtude interdisciplinar e, em novo contexto político, descaracterizado de marcas ideológicas claras, torna-se uma necessidade repensar seus fundamentos no sentido de um avanço paradigmático. Enfim, sendo uma ciência ainda jovem, a demografia ainda está por se consolidar enquanto uma ciência autônoma, mas tem logrado sucesso em diversos contextos e superado diversos desafios.

* Trabajo presentado en el V Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, Montevideo, Uruguay, del 23 al 26 de octubre de 2012.

[€] Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); e-mail: ricardo.ojima@gmail.com. O autor agradece as valiosas contribuições e revisões de Eduardo Marandola Jr.

Demografia e ciência: há uma marca latino-americana?

Ricardo Ojima

Introdução

Ao contrário do que o título deste trabalho sugere, não se trata aqui de uma descrição da trajetória histórica da constituição da demografia latino-americana. O objetivo do trabalho é realizar uma discussão epistemológica do campo científico da demografia (e dos estudos populacionais), explicitando e comparando o seu percurso intelectual dentro do contexto latino-americano. A necessidade de um debate circunstanciado sobre o que desde já anuncia-se como a ciência demográfica é prioritária para a definição dos limites e fronteiras do conhecimento específico que esta área enseja. De certa maneira, considera-se que esse é um debate fundamental para que a formação de quadros profissionais especializados em demografia logrem êxito dentro das estruturas institucionais e departamentais do modelo acadêmico atual.

Possivelmente o trabalho mais completo na direção de um debate epistemológico da demografia enquanto projeto científico reside na obra clássica de Hauser e Duncan (1972), originalmente publicada em 1959, pela Universidade de Chicago. Desde então, o esforço de pensar o campo científico da demografia ficou limitado a artigos e trabalhos dispersos ao longo de encontros científicos e publicações com artigos encomendados para esta finalidade. Talvez o esforço sistemático da própria ampliação do campo de pesquisas em torno de manuais demográficos (por exemplo, o Manual X das Nações Unidas) tenha sido fundamental no sentido de simplificar as definições dos limites do campo científico da demografia.

Assim, este artigo busca recuperar alguns desses fragmentos de análises para encontrar os pontos de convergência de uma ciência demográfica para, com isso, identificar o processo de construção de um campo científico autônomo e a posição latino-americana neste processo. Dentro deste contexto, a interdisciplinaridade surge como elemento fundamental nas análises e, portanto, um breve percurso histórico do perfil da área de conhecimento será desenvolvido com vistas a uma caracterização fundamental e elementar da história da ciência demográfica. Para isso, o caso da tradição de pesquisa latino-americana tem um papel importante, pois nela emerge uma particularidade de estudos demográficos baseado em uma tensão entre ideologia e ciência. Argumento que considera-se ser uma marca do contexto que pretendemos estudar aqui.

Finalmente, o artigo pretende também indicar o estado atual da construção científica do campo, explorando os limites e fronteiras de conhecimento que essa tradição coloca. Em uma abordagem pragmática de análise das instituições científicas, encerra-se esse artigo com o desafio do resgate da especificidade do campo demográfico e a necessidade de interlocução e diálogo em uma área de conhecimento fundamentalmente interdisciplinar.

A demografia como campo científico e a construção do objeto

Passados cinquenta anos desde a publicação da obra clássica de Hauser e Duncan (1972), apesar de todas as transformações que engendraram grande debate sobre a crise das ciências sociais, o debate sobre a consolidação da demografia enquanto disciplina científica apresentou poucos avanços (CANALES, 2004). Nam (1979) aponta a relativa indefinição encontrada nos manuais e enciclopédias do período em relação ao campo de estudos, mostrando que, embora em sua maioria tratem a demografia como parte integrante das ciências sociais, outras vezes aparecem em como ramos da biologia, matemática ou economia. Kirk (1968) coloca a demografia no campo dos estudos quantitativos de populações humanas em sua Enciclopédia de Ciências Sociais, entretanto, assim como em outras publicações do gênero, poucos esforços são feitos para distinguir os limites entre demografia e sociologia, antropologia ou psicologia.

Mas essa relativa indefinição parece não incomodar os pesquisadores que atuam nessas áreas de conhecimento. Talvez pelo fato de que a proposta elaborada por Hauser e Duncan (1972) consiga acomodar o interesse daqueles que se debruçam sobre essa temática. Para os autores, poderíamos estruturar a área de pesquisa em duas partes: análise demográfica e estudos populacionais. O primeiro estaria relacionado ao estudo da variação e mudança dos componentes demográficos, enquanto que o último teria o foco na relação entre população e as demais variáveis. Simples, mas será que satisfatório em termos de marcar as fronteiras de uma área de conhecimento ou constituir uma ciência?

De fato, não é tão simples assim. Preston (1993) admite que a demografia é um campo que não se apresenta em uma definição simples. Para ele, as técnicas demográficas são particularidades que assumem amplo reconhecimento na análise das estatísticas vitais ou nos movimentos da população e, embora tais técnicas não tenham sido exclusivamente originadas na demografia, a sua aplicação em populações humanas se constituem numa especificidade dessa área de pesquisa. Entretanto, Preston (1993, p. 594) considera que “esta distinção pouco clara entre demografia e estudos populacionais seja útil”.

Para ele, embora o centro da análise das relações entre os eventos demográficos e o comportamento de indivíduos ou sistemas sociais esteja no contexto de outras ciências sociais, os demógrafos têm sido mais efetivos no entendimento dessas questões, pois para ele, a familiaridade com os dados e os mecanismos de mensuração, permitem que o pesquisador com formação demográfica enfrente o problema de maneira mais completa. Assim, apesar das teorias e abordagens explicativas virem de outras ciências sociais, um não-demógrafo não visualizaria o problema a partir de medidas e interpretações cuidadosas dos dados (PRESTON, 1993; CALDWEL, 1996).

Mas essa condição tem forte relação com o desenvolvimento tecnológico. Apesar do pequeno grupo de pessoas que se dedicam claramente ao núcleo essencial da demografia (técnicas demográficas), os avanços obtidos na segunda metade do século 20 foram significativos e um dos elementos que contribuíram para esse avanço foi a incorporação de novas tecnologias (PRESTON, 1993; CALDWEL, 1996). A evolução da informática no sentido de criar ferramentas adequadas às análises de grandes bancos de dados com maior velocidade e refinamento favoreceram avanços muito mais expressivos aos estudos demográficos do que em qualquer outra ciência social. De certa maneira, essa evolução permitiu que o demógrafo pudesse ampliar sua capacidade analítica em diferentes escalas de agregação, utilizando modelos mais complexos, mas principalmente permitindo ao pesquisador manipular sozinho seus próprios bancos de dados.

Essa relativa indefinição do campo científico, portanto, permitiria que a demografia não se torne uma disciplina científica hermética na qual pesquisadores de outras áreas sejam colocados de lado e jovens criativos sejam impedidos de se interessar (PRESTON, 1993). Mas por outro lado, tal situação pode refletir na limitação da ampliação da área de conhecimento, bem como do seu maior reconhecimento e expansão em frentes de atuação e até em termos institucionais e de mercado de trabalho.

E nesse aspecto reside um grande conflito no que se refere à definição da demografia enquanto um campo científico autônomo, pois a demografia possui um caráter peculiar. Todo o demógrafo deve, primordialmente, ter competência nos princípios da “demografia formal” (técnicas e métodos), entretanto, é inevitável que este se depare com fatores inerentemente complexos dos processos sociais ou até biológicos. Assim, a busca por uma “demografia pura” seria uma falsa verdade, pois a demografia seria necessariamente interdisciplinar (LORIMER, 1972; NAM, 1979; WAJNMAN; RIOS-NETO, 2003).

Mas ao mesmo tempo que a demografia não pode se confundir com suas técnicas e métodos exclusivamente (WUNSCH, 2000), tampouco pode ser – devido ao seu caráter interdisciplinar – o estudo de todos os processos que envolvem populações humanas desde o indivíduo até a sociedade, pois dessa forma estaríamos tentando entender tudo e ao mesmo tempo nada (COURGEAU; FRANCK, 2007). Moore (1972, p. 845) menciona a relativa ausência de discussões teóricas dentro da demografia, pois há uma excessiva preocupação com o refinamento das técnicas que, muitas vezes, leva um jovem demógrafo a perder de vista sua questão fundamental, ou seja, o que ele realmente busca saber.

E o que ele realmente busca saber? A ausência de uma paradigma teórico específico e predominante não é em si mesma uma limitação para o posicionamento da demografia enquanto ciência, pois é o alvo ou o objeto de explicação (o fenômeno demográfico) o que torna a questão essencialmente demográfica (COLEMAN, 2000; WUNSCH, 1995). Entretanto, essa condição coloca os demógrafos na necessidade constante de se alimentar dos paradigmas e abordagens teóricas de outras áreas do conhecimento. E nesse aspecto é que reside o desafio da interdisciplinaridade do campo, pois as proposições demográficas não deveriam entrar em conflito com as abordagens explicativas vigentes nessas outras áreas de conhecimento (WUNSCH, 1995).

Sendo uma ciência que busca entender os padrões de comportamento social em diversos níveis de agregação (indivíduo e sociedade), torna-se quase que impossível se basear em um paradigma unificador e abrangente, pois muitas vezes as teorias construídas a partir de resultados obtidos em escala agregada não são passíveis de comprovação no nível individual, e vice-versa (WUNSCH, 1995).

Mas será mesmo que a demografia reside em uma lacuna de teorias próprias? Seria ingênuo aquele que pensa que a demografia, por tratar detalhadamente dos dados e observar seu comportamento detalhadamente, poderia extrair dos fatos os seus conceitos teóricos, como se estes fossem dados pela própria natureza dos “fatos reais” (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2007). Como apontado por Popper (1972), sempre haverá uma teoria dominante desde a concepção até os resultados finais da pesquisa. Afinal os dados demográficos mesmo que brutos não são isentos de uma ideologia, pois estes não são coletados, são criados de acordo com essas pré-noções (BABBIE, 1999, p.181; ESCOBEDO, 2007). Mais que isso, a população em si mesma é uma construção da modernidade, pois é um processo de abstração que ilusoriamente sugere o reducionismo das condições definidoras das características individuais em cada contexto histórico ou social (CANALES, 2004).

Portanto, aquele que pensa que não há teoria ou paradigma que oriente a construção de problemas demográficos incorre no risco de reproduzir pré-noções ou interesses alheios, pois não há pesquisa que seja totalmente isenta de um paradigma orientador. Mesmo os dados aparentemente objetivos, como grupos de idade ou faixas de renda, estão sujeitos à pressupostos teóricos (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2007). Nenhuma técnica ou método de pesquisa poderia ser auto-explicativa, pois sendo instrumental, depende de um recorte epistemológico (ESCOBEDO, 2004). Enfim, mais importante que as teorias explicativas utilizadas à posteriori, são os pressupostos adotados (intencionalmente ou não) na construção do próprio problema demográfico a ser estudado. Tais construções, como veremos a seguir, constituem a tensão essencial que marca a tradição latino-americana de pesquisas demográficas.

Uma tradição latino-americana? A tensão essencial

Quais são os pontos que permitem diferenciar um demógrafo de um estatístico, sociólogo, economista ou geógrafo? O que busca um graduado em uma destas áreas quando ingressa em um programa de pós-graduação em demografia? Em vista do fato de que não existem cursos de graduação específicos para o ensino de demografia, a confusão que cerca o reconhecimento da área enquanto ciência se tornam mais claras ainda. Assim, poderiam os desavisados distinguirem a demografia pelas suas técnicas e procedimentos metodológicos. Afinal, a demografia formal apresenta-se em grande parte cercada pelas técnicas quantitativas. Entretanto, como vimos, esta não deve ser pensada separadamente das análises substantivas, nem em suas análises conclusivas, tampouco como construção dos pressupostos formuladores das técnicas (SAWYER; FERNANDES, 2005).

A escolha deliberada de um paradigma ou recorte teórico deve ser, portanto, uma etapa necessária ao demógrafo, pois quando passa a perseguir os desafios técnicos para a solução da sua pergunta, este deve ter muito clara. E mais que isso, deve ainda ter a clareza de que a pergunta certa é mais importante do que a resposta. O risco de um ponto de partida desprovido de reflexão teórica consciente é recair na tautologia dos enunciados indutivistas em que os fatos estão dados na realidade social que se quer provar (POPPER, 1972). Portanto, quase que em uma busca pelo auto-conhecimento, o demógrafo deveria ter consciência, tal qual o sociólogo, que ele mesmo é parte integrante do objeto de análise proposto.

A demografia latino-americana tem em suas origens uma clara vinculação com os pressupostos de controle populacional incentivados pelas agências internacionais sob o receio

de uma explosão demográfica preemente na região. Assim, desde Malthus, a grande questão demográfica sempre esteve, de uma forma ou de outra, na relação entre população e desenvolvimento (CANALES, 2004). Assim, o discurso marcadamente ideológico teve um resultado talvez inesperado, pois o desenvolvimento da demografia latino-americana se valeu justamente do discurso controlista para desconstruir o mito malthusiano a partir de estudos que buscavam apresentar as entrelinhas contidas na imposição de uma agenda internacional.

A única contribuição latino-americana no clássico livro de Hauser e Duncan (1972) apresenta a situação do Brasil entre os estudos demográficos. O capítulo *Demographic Studies in Brazil* de autoria de Mortara (1972), deixa claro que já haviam quadros técnicos de competência reconhecida em estudos demográficos no país e dentro do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (o responsável pela execução dos Censos) desde os anos 1940 (MIRANDA-RIBEIRO, 2006). Apesar disso, ainda não havia nem no Brasil, tampouco na America Latina, cursos de formação especificamente em demografia, embora houvesse disciplinas com conteúdo demográfico formal de forma isolada dentro dos cursos de estatística, e com conteúdo parcial nas faculdades de filosofia e economia (MORTARA, 1972).

Mas foi dentro de um contexto político e ideológico acirrado que a questão populacional se fortalece e toma dimensões de demografia. Tardiamente, pois ganha fôlego sobretudo no final dos anos 1960, a demografia latino-americana nasce no contexto de uma crítica à postura neomalthusiana que atribuía ao crescimento populacional da região a sua condição de sub-desenvolvimento (PATARRA; BILAC, 2005). Nesse contexto são criados os principais centros latino-americanos, incluindo o Centro Latino-Americano de Demografia (CELADE), no Chile, em 1957. Todos os centros recebiam forte apoio de agências internacionais (Fundação Ford, MacArthur, Hewlett, Rockefeller) para pesquisa em demografia, deixando claro que o interesse em qualificar demógrafos na região seria um passo importante para promover o controle da explosão populacional (MIRÓ, 2006).

Foi de extrema importância a liderança da panamenha Carmen Miró, na direção do recém-criado CELADE, pois considerando a pressão das agências internacionais, a perspectiva crítica de investigação social que era dada ao ensino de demografia no Chile tinha tudo para ter tomado outro rumo. Neste momento a posição crítica liderada por Miró conseguiu recolocar o dilema malthusiano e, em outras palavras, deu uma marca política aos estudos demográficos latino-americanos (GANDASEGUI, 2003).

A Conferência Regional de População, ocorrida no México em 1970, marca a insatisfação de diversos atores envolvidos nestes projetos de transferência de recursos das agências internacionais que, ao mesmo tempo que apoiavam e incentivavam o fortalecimento da demografia na região, incluíam um receituário político e abordagens teóricas pré-definidas dentro do pacote (OLIVEIRA; TAVARES, 2005). Portanto, a demografia latino-americana teria suas raízes em um conflito ideológico e sobre o qual se consolida um debate político-ideológico que buscava o desenvolvimento de uma demografia crítica, com uma agenda política clara e valendo-se de abordagens teórico-metodológicas sofisticadas (PATARRA; BILAC, 2005; WAJNMAN; RIOS-NETO, 2003).

Esse receituário tinha bases na percepção de que uma explosão demográfica estava prestes a ocorrer, pois as taxas de crescimento populacional dos países pobres apresentavam níveis elevados, sobretudo após a II Guerra Mundial. Assim, um interesse súbito pelos temas populacionais foi sustentado por estudos da Escola de Princeton, convencendo a opinião pública de que não seria viável esperar as complexas transformações culturais e econômicas que antecipariam a queda da fecundidade nestes países e, portanto, haveria a necessidade de controlar sua natalidade (HODGSON, 1991; MARTINE, 2005; CARVALHO; BRITO, 2005).

Essa foi uma marca importante da tradição latino-americana. E trouxe suas consequências, pois apesar de ter sido considerada pelas agências internacionais que aqui transitaram, trouxe um relativo protecionismo acadêmico (OLIVEIRA; TAVARES, 2005). A formação de quadros técnicos especializados no campo de estudos demográficos também teve suas marcas, pois como consequência dessa tradição, as interações Norte-Sul sempre foram tratadas com muito receio. O receio de que ideologias imperialistas contaminassem as pesquisas aqui desenvolvidas convivia com a síndrome da sobrevalorização do que é desenvolvido nos países do Norte.

Assim, por algum tempo a demografia latino-americana parece ter aceito a divisão entre demografia formal e estudos de população. Por um lado pela insipiência de quadros técnicos qualificados, mas talvez com mais contribuição de uma ruptura epistemológica entre o que seria considerado como posição histórico-materialista e crítico, daquela percepção de acriticismo derivada de uma ciência social funcionalista e extremamente simplificadora trazida juntamente com as agendas das agências internacionais (OLIVEIRA; TAVARES, 2005).

Entretanto, mais recentemente essa posição ideológica marcante perde sua característica mais evidente, pois a postura crítica e totalizadora não é mais percebida como uma possibilidade metodológica dentro do campo demográfico. Canales (2004), destaca que novos paradigmas são necessários para entender uma realidade social cada vez mais complexa, e na falta de palavra melhor, pós-moderna. A demografia, como ciência social, deveria passar pelas mesmas crises e buscar seu espaço dentro de uma perspectiva interdisciplinar que já lhe é familiar.

Os estudos com uma maior integração entre a demografia formal e os estudos de população, se é que podemos usar o enunciado de Hauser e Duncan (1972), já se tornou hoje uma realidade possível, face aos inúmeros programas de formação em demografia existentes na América Latina, o que garante um fio condutor de pesquisas nessa direção. Mas talvez o mais importante dessa trajetória e da própria consolidação da demografia na região seja o reconhecimento recíproco da necessidade de cruzar as fronteiras dos campos disciplinares. Não para buscar uma demografia pura, mas na procura utópica de uma demografia completa e do maior conhecimento da própria sociedade.

Fronteiras e transbordamentos: uma transição da demografia

Se a interdisciplinaridade é essencial para a demografia não faria sentido esforços para identifica-la como um campo científico autônomo? Como sua constituição e progresso se deu após a consolidação tardia das ciências sociais, se comparadas às tradições epistemológicas das ciências naturais, talvez os limites e fronteiras sejam muito pouco claras pelo próprio contexto institucional no qual se insere. Como mencionado por Preston (1993), o fato de ser uma área de pesquisas restrita a poucas pessoas dentro de estruturas departamentais mais abrangentes, coloca a demografia em uma eterna procura de seu espaço.

Devido à tradição marxista das ciências sociais latino-americanas, os estudos quantitativos tendem a ter muito pouco espaço nos departamentos de ciências humanas. Ao mesmo passo, mesmo sendo a mais “indutiva” das ciências sociais, a demografia tende a não ser reconhecida pelos departamentos de estatística, matemática ou ciências naturais como parte integrante das mesmas. Assim, as fronteiras são muito rígidas para a inserção da demografia dentro de outras tradições científicas. Talvez pelo fato da demografia avançar sobre um conhecimento pouco “normal”, nos termos de Kuhn (2009), tanto nas ciências humanas, como nas ciências exatas.

O reconhecimento de suas especificidades através da demarcação institucional e acadêmica formalizada dentro das estruturas das universidades seria um bom início de caminho para a consolidação do campo enquanto ciência autônoma. Mas talvez essa condição marginal dentro das instituições acadêmicas seja de responsabilidade da própria demografia que, ao se contentar com as definições manualescas do seu campo de conhecimento, também se contenta com o pequeno espaço que lhes é dado dentro das estruturas departamentais. E como em um ciclo vicioso, mesmo que o espaço institucional lhe seja garantido, a ausência de uma reflexão epistemológica contínua, consciente e ativa a coloca em uma posição frágil perante outras áreas do conhecimento com tradição mais consolidada. Como apontado por Tabutin (2007), apesar do grande avanço em técnicas, metodologias, abordagens teóricas, ainda há alguns aspectos que merecem atenção, entre eles está a busca pela identidade ou especificidade.

Refutando a perspectiva de Tabutin que considera a demografia como uma ciência consolidada mesmo com alguns desafios ainda por fazer, Courgeau e Franck (2007) argumentam que alguns destes pontos não garantem essa especificidade, sobretudo pela ausência de clareza dos paradigmas próprios, mas aqui acrescentariamos ainda a ausência de um estudo epistemológico sistemático dos fundamentos do campo científico da demografia. Sem esse auto-reconhecimento, estaremos sempre navegando em mares desconhecidos quando necessitamos cruzar as fronteiras da disciplina para entender um processo ou fenômeno social.

Assim, mesmo que nos esforçarmos em balancear a definição da demografia nas suas duas dimensões: formal e estudos populacionais, fica claro que prevalecem as técnicas como a figura distintiva deste campo de conhecimento. Entretanto, do que se trata essa parte “substantiva” que seria, então, ausente de metodologias ou técnicas particulares? Não seria esse ponto de conexão aquele que permite trazer para dentro dos aspectos “formais” da demografia, novos métodos? (MIRÓ, 2006). Como mencionado por Preston (1993, p. 593), dois semestres seriam suficientes para transmitir a essência e os detalhes das técnicas quantitativas próprias da demografia.

Greenhalgh (1997) menciona a dificuldade encontrada pela demografia em lidar com as metodologias qualitativas, tendo recebido críticas por parte dos antropólogos sobre a sua abordagem. Mesmo dentro da demografia, são muitos os céticos em aceitar que tais abordagens possam ser classificadas como parte da demografia, fortemente marcada por técnicas quantitativas instrumentais. Mas esse receio só se torna real quando não se tem

clareza dos limites e fronteiras do campo de conhecimento, pois caso contrário, todo e qualquer avanço metodológico no sentido de melhor compreender um processo demográfico deveria ser incentivado (MIRÓ, 2006).

Em verdade, a relação entre macro teorias é muito mais próxima aos estudos demográficos, pois ao tratar os grandes números, essa aproximação fica mais visível. Mas como lidar com o comportamento, a experiência e a percepção da população em diversos níveis de agregação? Qual a quantidade de pessoas necessária para se delimitar quando estamos falando de uma população ou um grupo de indivíduos? Enfim, reduzir a número o objeto de análise da demografia não seria justamente uma contradição dentro do que se pretende analisar?

Talvez ainda seja cedo para afirmar que a demografia seja uma ciência totalmente consolidada, mas tampouco é prudente afirmar que ela nunca teve essa pretensão. Entretanto, uma conclusão podemos chegar: ainda não temos um esboço de uma epistemologia da demografia. O estudo científico da ciência da população ainda está por ser feita. Como mencionado no início deste trabalho, não se trata apenas de recuperar o percurso institucional dos programas de ensino ou das associação de pesquisa que serão suficientes para esse empreendimento. É necessário chegar às fronteiras da ciência demográfica para que possamos ver o que está do outro lado.

Se tivermos a segurança do nosso recorte teórico-metodológico, do nosso objeto de análise, ou de nossos limites de abrangência, a interlocução com outras ciências se mostrará cada vez mais produtiva, pois a busca pela interdisciplinaridade não é uma exclusividade da demografia. Mas o risco de não termos isso claro é que o processo de formação demográfico se torne meramente uma instrumentalização de técnicas de mensuração e estatísticas de dados populacionais. Enfim, para uma ciência na qual grande parte de seus principais teóricos ainda está viva, ainda há muito tempo para que tais desafios sejam empreendidos.

Referências

- BABBIE, E. Métodos de pesquisa de survey. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.C.; PASSERON, J.C. Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia. 6.a Edição. Petrópolis: Vozes. 2007.
- CALDWEL, J.C. Demography and social science. Population Studies, v.50, n.3, nov., 1996, p. 305-333.

- CANALES, A.I. Retos teóricos de la demografía en la sociedade contemporánea. Papeles de Población. Toluca, Mexico: UAEMEX. N. 40, 2004, p.47-69.
- CARVALHO, J.A.M.; BRITO, F. A demografia brasileira e o declínio da fecundidade no Brasil: contribuições, equívocos e silêncios. Revista Brasileira de Estudos Populacionais. São Paulo: ABEP. V.22, n.2, p. 351-369.
- COLEMAN, D. Demography in an intellectual context: a subject in search of a home. In: PAVLÍČ, Z. (ed). Position of demography among other disciplines. Praga: KD Sluby, 2000, p. 27-35
- COURGÉAU, D.; FRANCK, R. Demography, a fully formed science or a science in the making? An outline programme. Population (English Edition, 2002-), v.62, n.1, 2007, p. 39-46.
- ESCOBEDO, J.R. El dato en la investigación demográfica: una visión epistemológica. Papeles de Población. Toluca, Mexico: UAEMEX. N. 54, 2007, p. 9-21.
- ESCOBEDO, J.R. La lógica en la investigación y el desarrollo del conocimiento demográfico. Papeles de Población. Toluca, Mexico: UAEMEX. N. 40, 2004, p. 31-46.
- GANDASEGUI, M.A. Carmen A. Miró: científica social y luchadora panameña. Papeles de Población. Toluca, Mexico: UAEMEX. N. 36, 2003, p.9-19.
- GREENHALGH, S. Methods and meanings: reflections on disciplinary difference. Population and Development Review. V.23, n.4, 1997, p. 819-824.
- HAUSER, P.M.; DUNCAN, O.D. (eds.). The study of population: an inventory and appraisal. 7th Edition, Chicago: University of Chicago Press, 1972.
- HODGSON, D. The ideological origins of the Population Association of America. Population and Development Review. V.17, n.1, 1991, p. 1-34.
- KIRK, D. Population. In SILLS, D.L. (ed). International Encyclopedia of the Social Sciences. New York: Macmillan Co and The Free Press, 1968, p. 342-348.
- KUHN, T.S. A estrutura das revoluções científicas. 9.a ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- LORIMER, F. The development of demography. In HAUSER, P.M.; DUNCAN, O.D. (eds.). The study of population: an inventory and appraisal. 7th Edition, Chicago: University of Chicago Press, 1972, p.124-179.
- MARTINE, G. O papel dos organismos internacionais na evolução dos estudos populacionais no Brasil. Revista Brasileira de Estudos Populacionais. São Paulo: ABEP. V.22, n.2, p. 257-275.
- MIRANDA-RIBEIRO, P. Os primeiros 30 anos da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Campinas: ABEP. 2006.
- MIRÓ, C.A. La demografía en el siglo XXI en America Latina. Papeles de Población. Toluca, Mexico: UAEMEX. N. 50, 2006, p.13-22.

- MOORE, W.E. Sociology and Demography. In HAUSER, P.M.; DUNCAN, O.D. (eds.). The study of population: an inventory and appraisal. 7th Edition, Chicago: University of Chicago Press, 1972, p. 832-851.
- MORTARA, G. Demographic studies in Brazil. In HAUSER, P.M.; DUNCAN, O.D. (eds.). The study of population: an inventory and appraisal. 7th Edition, Chicago: University of Chicago Press, 1972, p. 235-248.
- NAM, Charles B. The Progress of demography as a scientific discipline. *Demography*, v. 16, n. 4, 1979, p. 485-492.
- OLIVEIRA, M.C.F.A.; TAVARES, R.A.W. Registros e memória: algumas observações sobre a demografia brasileira no contexto latino-americano. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. São Paulo: ABEP. V.22, n.2, p.247-255.
- PATARRA, N.L.; BILAC, E.D. Revista brasileira de estudos populacionais: do nascimento à pós-maioridade. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. São Paulo: ABEP. V.22, n.2, p. 213-231.
- POPPER, K. R. A lógica da pesquisa científica. São Paulo: Cultrix. 1972.
- SAWYER, D.O.; FERNANDES, D.M. O ensino da demografia e a formação de demógrafos no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. São Paulo: ABEP. V.22, n.2, p. 277-289.
- TABUTIN, D. Whither demography? Strengths and weaknesses of the discipline over fifty years of change. *Population (English)*. V. 62, n.1, 2007, p. 15-31.
- WAJNMAN, S.; RIOS-NETO, E. Is there a basic framework for training in demography? *Papeles de Población*. Toluca, Mexico: UAEMEX. N. 36, 2003, p. 21-46.
- WUNSCH, G. Demography: a discipline somewhere between philosophy and social care. In: PAVLÍČ, Z. (ed). *Position of demography among other disciplines*. Praga: KD Sluby, 2000, 37-39.
- WUNSCH, G. Why demographers need theory? in EaPS-IUSSP (ed.), *Evolution or Revolution, in European Population*, European Population Conference, Milan, Franco-angeli, 1995, p. 201-224.